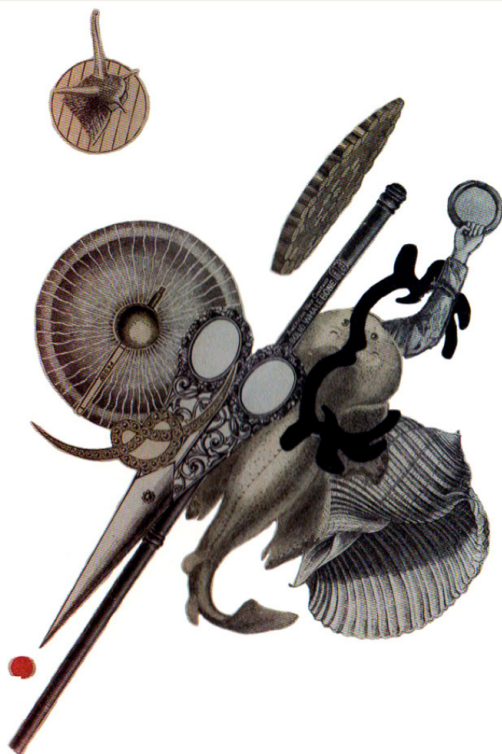


LAS CINCO PUNTAS DEL ABISMO

antología
bilingüe

DEMETRIOS GALVÃO-ELYS REGINA ZILS
FLORIANO MARTINS-GLADYS MENDÍA
MÁRCIO SIMÕES



COLECCIÓN LIBROS DE LA RED

LAS CINCO PUNTAS DEL ABISMO

DEMETRIOS GALVÃO

ELYS REGINA ZILS

FLORIANO MARTINS

GLADYS MENDÍA

MÁRCIO SIMÕES

Las cinco puntas del abismo © Libros de la Red, 2023 – Brasil, Chile
ARC Edições, LP5 Editora, revista *Acrobata*, Sol Negro Edições
Ilustração de capa: “Juntando recuerdos”, Ludwig Zeller, collage, 2008
Florianos Martins traduz Florianos Martins
Elys Regina Zils traduz Elys Regina Zils e Márcio Simões
Gladys Mendiá traduz Gladys Mendiá e Demétrios Galvão

Diagramação e design: Gladys Mendiá

ABRIR O SELO

Nós somos, como diz Elys Regina Zils em um de seus poemas, *imortais na noite*, essa noite que elegemos como mesa sagrada onde desossamos a própria existência. E o fazemos de modo ritual, recriando a própria natureza da criação a cada página de seu livro profano. Somos o capítulo inacabado das transmutações e o vozerio de mil personagens que desafiam a ilusão do livre arbítrio. A presença anárquica desses demônios que retalham o tempo e nos desabrigam à luz do dia. Somos o que criamos, esses poemas que avultam a própria existência, como se fôssemos seus sócios premeditados.

A poesia dará sempre por incontáveis as vezes em que se perde no esteio de nossa respiração, ao buscar em provérbios e estrofes videntes que compartilham céu e terra as charadas ruborizadas diante dos símbolos e suas identidades mais simples. Um homem cria uma situação misteriosa, ao tentar voltar pelo caminho que imagina ter sido o de sua origem. Ali é frequentemente dado como ausente. A expressão poética é um paradoxo lendário. O que vislumbramos jamais assume a forma pensada. O poema é um pássaro que desconhece a raiz de seu voo até que uma boca lhe

diga que tem a seu dispor mil véus estelares. Assim como no próprio homem, em cada poema sempre falta algo. Nisto consiste a trama da criação, em sugerir os fios que podem mover o sol e suas imagens tecidas sucessivamente.

Cada um de nós presente neste encontro – Demetrios, Elys, Floriano, Gladys, Márcio – somos as vozes enfáticas da criação mais antiga. Embaralhamos a ordem secreta das palavras de modo que a forma esteja além da forma, que o caos esteja além do caos, que todos os erros e acertos não seja senão a dança das sombras que nos vigiam e o tesouro desejável de todos os desafios. Assim esperamos que sejam lidos os poemas que ouvimos cantar dentro de nós. Os poemas que vieram dar neste livro.

DEMETRIOS GALVÃO



RECANTO

ergo um museu de silêncios
entre besouros cegos e esporões perdidos
em uma praça que fica no coração da memória.

aprendi que a verdade é um signo inflamável,
que os bares vendem ausências
e que as pessoas estão cheias de vazios.

meu recanto é uma varanda no hipotálamo
ateliê onde rumino um orfanato de cartas
e rabisco pequenos infinitos.

carrego sempre um peso a mais
um insólito equilíbrio, uma poética selvagem
para me defender do grito sanguíneo do tempo
suicida

– escondo minhas relíquias no avesso da lâmpada
onde as palavras têm febre e a matéria se bifurca.

CINE-MIRANTE

ao som de guardia

por um tempo, habitei um endereço rarefeito
lugar difícil de se enviar cartas:

e de lá, assisti a chuva campestre
o concerto do coração dos homens
as crianças livres e sensíveis
a esperança viajando de trem
histórias de cozinha e de amor
o feitiço de uma mãe valente
as transparências de uma jornada interior
a oitava cor da música que dizia:

– toda paisagem azul é felicidade...

passaporte para uma pequena semana de verão
na plataforma alegre de oficinas incorpóreas
encontro de irmãos nas raízes de uma lembrança
milagre de ser e ter no corpo um abraço cheio
e um olho filmando tudo.

de beleza, vivem os seres que festejam a vida sem grandes estardalhaços. existem sem a cobrança e a espera pelo amanhã. se espalham pelas planícies de mansidão confortável. não se preocupam com a independência das nações ou com a previsão do tempo. praticam uma espiritualidade que abdicou dos livros, dos ensinamentos e dos deuses. sua revolução é um desenho do olhar, desdenham do cronômetro e da hiper- -interatividade. o silêncio lhes basta para o gozo tranquilo do sono, enquanto o mundo se desespera à beira do precipício.

MÚSICA PARA INDECISOS

a música corta os olhos e transpassa a carne
carrega as horas dos indecisos
por livros velhos, cidades-labirinto e noites-cinema
correspondência de sonhos intranquilos.

nas gavetas da memória uma infância barbada
e poemas-biscoito no café da manhã
com aquela ferrugem que carcome os dentes.

doses de pílulas em technicolor
e em caso de incêndio nas partes íntimas
deixar o fogo consumir o resto do corpo.

CONSTELAÇÃO DAS ÁGUAS TURVAS

na lascividade do território-carne
nos absorvemos no desejo inebriado

– trânsito nas costas-alamedas dentro
da flecha de eros –

nos perdemos no cinema, na angústia dos outros
acordamos enjoados, tontos
ou não dormimos
pensamos em quem descansa dentro da ventania
olhando o sol dissipar as águas
turvas da madrugada

do outro lado da cidade antiga
nossos delírios se acomodam
entre o ronronado dos gatos e canto dos galos

por vezes nos encontramos em tempos
furtivos na varanda fugaz dos nossos peitos

– meteoros volúveis se cruzam
no parque de diversões de nossas bocas.

CARTÕES-POSTAIS DO FIM DO MUNDO

o olho em falso vacila na transversal:
no cheiro do medo, o faro desmedido
no horizonte, uma procissão de
pássaros fosforescentes
há sol em cada canto do dia e os orixás
fazem poemas-crianças
modigliani montado em um ganso
alimenta os peixes com a estranha beleza
de suas mulheres.

uma tempestade de insónias sopra nos olhos:

os faróis acendem uma cadeia de mandíbulas
os vestidos caem do céu no
museu-retina-de-porcelana
uma filha de lilith rola à beira do lago das danações
grandes doses de pílulas de café são dadas
às estátuas da cidade e
baudelaire translúcido flana na rua do hospício.

— os corações saltam de paraquedas
e os turistas fazem festas
nos cartões-postais do fim do mundo

ESCORPIÃO NA CASA DE CAPRICÓRNIO

chove um som verde na paz dos musgos e os crimes se libertam nos quartos de motéis: nos encontramos com a fúria de dois cometas que se chocam, movimentos selvagens, contradições na faringe metálica e sexo na contorção fumegante dos corpos irresponsáveis – (os olhos são ogivas de cilício sobressaltando as costas) – nossos fluidos escorrem para o mangue da alma: rio caudaloso a dismantelar a neurose dos ponteiros em estranhas experiências, como se toda a história fosse só um agora – (o que sobra são os garranchos sobrepostos e os escombros molhados) – violamos o que de mais íntimo nossos pés tocam, saltamos as pontes, as linhas de trem e o azimuth do horizonte – (é inútil pensar que sairemos ilesos à noite) – nossos delírios conjugados cavalgam as luas de saturno enviando sinais jamais pronunciados – (os braços que nos cercam são noctâmbulos) – as carícias desmancham armaduras, recolhendo para a dispensa a utilidade das unhas de aço: nosso amor fosforescente se escreve na avenida eros.

É PRECISO ALIMENTAR A LOUCURA QUE
CARREGAMOS NA MOCHILA

ao som de björk

sinto o cheiro de teus movimentos coloridos violando minhas brânquias, desorganizando meus órgãos. as luzes derramadas pelos teus dedos formam cachoeiras de revelações: conexões que nos suturam um no outro. tateamos no escuro nossas planícies de suor intenso, enquanto devoramos as dimensões da moldura escalena. nossas barbatanas, escamas, esporões, se amalgamam na alameda de nossas orelhas. há dias em que surtar é inevitável e as cordas não conterão as vertigens. há dias em que a potência transborda os paredões de contenção e subimos as calçadas e gememos sem parar: alimentamos nossa loucura com o borrão de nossos passos vadios.

NOITE TURVA

um casal emplumado
encarou a tempestade de ferrugem
com a ternura de um abraço profundo.
suportaram o assombro do céu e
os ataques nervosos.

bateram-se contra às águas e os ventos
como se o peito fosse de marfim e
a coragem, uma armadura impermeável.

(o baile cambiante das pernas
na regência dos trovões vorazes
seguia em compassos de pavor)

o império turvo do céu
rogava assombros em lastros
de serpentes luminosas.

o casal lutou na rinha feroz da noite
que não oferecia extremidade
ou margem para abrigo.

TUDO CHEGA DE UM MUNDO ANTIQUÍSSIMO

ao som de frank zappa

eu vi uma legião de jesuítas
silenciar florestas espontâneas
com sua pedagogia assassina.

eu vi caravanas de novos e velhos mestiços
aprisionarem peixes, lagartos e aves mensageiras
para legislar um código de honra obscuro.

eu vi um velho mar engolir desaforos
e guardá-los em envelopes de calcário
no fundo de sua paciência líquida.

eu vi homem e máquina
fundirem-se numa utopia selvagem
na cavalgada de sirenes.

eu vi a miséria da casa grande
radiografada em etiquetas de luxo
nos bazares e camelôs da cidade baixa.

eu vi um avião cair
e do alto da montanha
nacer um mito cinematográfico.

eu vi uma mãe e um santo

disciplinar um jovem dilúvio
quando em festa, alagou corações desabrigados.

eu vi begônias dizerem “eu te amo”
para um quilombo submerso
em erotismo tropical.

ELYS REGINA ZILS



flor noturna que só cresce entre universos
sob a influência das minhas luas

nas paisagens das sensações
cantarolo sandices mudas
ouves as palavras ditas no silêncio?

em uma noite de sábado
orbitam desejos tão cercanos
minha lua assume o risco

na luz morna
permite que a saudade invada os poros
mandíbulas cerradas

uma invocação seria muita audácia
um gemido escapa
meus olhos meu sol noturno

sentidos que se inebriam
percepções alteradas
de cores
tempo
movimento
definitivamente sofro de poesia
tuas palavras compõe meu elixir
mantenho a janela aberta
para que o vento me traga
seus versos

vi no canto do teu olho
um pássaro enjaulado
se não entendes o poder da noite
não adianta acender uma vela para a deusa
somente o bater de asas
poderá te mostrar o que tem lá fora

imortais na noite
as criaturas flutuam
 pelas sombras
 dos sentimentos
no ritmo dessa dança
 desvendamos
 amores crepusculares

verdes
saudosos
do poente que nunca vimos
anotando na borda dos dias
frases possíveis
do que seríamos
o tempo é sempre outro
a taça permanece cheia
a garrafa fechada
o sublime abismo
sobre a mesa
servido com ostras e camarões
efêmeros

sem se importar com as perguntas sem respostas
com os caminhos sem fim
tortos
destino que não leva a lugar nenhum
nadamos nas letras
líquidas
como a ave em seu primeiro voo

nessa paixão sem trégua
a grande deusa consente
condutores do sagrado
carinho na alma
a lua está enamorada
do trocar de letras
não espero nada
e ainda assim a porta está destrancada
navios carregados de sonhos
sussurram cheiro de loucura
trocando braços e pernas como se fossem faróis
formigas nas mãos
na beleza do olho do peixe
há uma fechadura para o mundo

nua
pagã
delírios na escuridão
a neblina sedutora avança
aqui dentro
algo me devora
suspiros intempestivos
tuas mãos rangem
sonhos de lua
boca cheia de tatos
maquinações dos meus seios
como um imã
Yin e Yang
gotas de um arco-íris noturno

QUANDO AS PALAVRAS NÃO DÃO CONTA

entre destroços do naufrágio
flutuo

a perda está na vitória
disseram

os sonhos não são mais os mesmos
algas e corais os recobrem
a onda vem cobrir meu corpo nu
adormeço

FLORIANO MARTINS



CARTAS

As cartas decepam luzes e com elas tecem um novo reino de ilusões. As cartas mudam de cor e nos fazem crer em inúmeros deuses. As cartas são um oráculo inconfessável. Não há como embaralhar seus ditames sem perder-se no jogo de tantas formas repetidas. A aldeia está cheia de morte. As cartas embaralham o estômago e a febre dos sobreviventes. Os mortos tosseem e cospem fora suas crenças. Um altar de palhas esconde os espíritos até que a noite emborque suas chagas. As cartas saem para caçar novos ritos que caem do céu. O mal emana de todas as figuras assustadas. Pouco importa implorar pela ressurreição. As cartas estão furiosas e despejam fogo no próprio corpo. Todos os valores se perdem. Um último deus foge dali. As cartas voltam a ser árvores.

DÚVIDAS

As dúvidas habitam as encostas deslizantes da realidade. Os berços miseráveis do abismo. Os pássaros com seus voos congelados. O horizonte preparando o cativeiro do fogo. Eu vi as pedras rumando em direção ao mar deserto. A silhueta dos planos refeitos a todo instante. Meu nome esquartejado percorrendo as cidades devoradas pela névoa. As dúvidas dormem com um olho aberto, cercadas de imagens prestes a desabar. As veias asquerosas da desordem oscilam entre palcos. Coros sarcásticos convencem a cada representação a não confiar de todo em si mesma. Os espelhos viram a cara para as contradições mais grotescas. Os telhados vagueiam pelas árvores em busca de proteção. As dúvidas remoem e se calam e se espatifam no chão. Sustos remarcados nas prateleiras bíblicas do caos. Estandalhaços inesperados por quem acredita que o verdadeiro fracasso demore a chegar. Um livro com páginas saltadas. Uma voz surda. Um milagre recostado na chaminé consultando as estrelas antes de refazer as dúvidas.

FEITIÇOS

Os feitiços se ramificam pelo espinhaço das camuflagens. Como fálicas revelações de hábitos abandonados. Os casebres pontiagudos onde se escondem as dores de proezas satisfeitas. Os feitiços derretem as chaves de entrada em mundos paralelos e descansam à porta secreta uma escada de múltiplas direções. Estranho pacto com os cenários que estão prestes a cair. Os feitiços concebem truques orgíacos e dissociam as cinzas que julgávamos abomináveis. Simbiose de elementos com poderes distintos. Farsas agonizantes, figuras escamosas, sodomia apenas rascunhada e outras flores anônimas da lubricidade. Os feitiços ritualizam tudo que atraem, com seu cultivo de metamorfoses e as prolongadas vésperas em silêncio onde nos fazem calçar os sapatos da deriva.

INTRUSOS

Os intrusos batem à porta e não percebemos quando saem. O mundo lá dentro parece improvável de onde quer que seja visto. Não sabemos quantas pedras são retiradas do caminho. Os móveis se arrastam como se buscassem o alçapão onde as luzes se escondem. Os intrusos tatuam corpos confusos na pele do inesperado. Dobram os varais em gavetões suspensos. As janelas não reconhecem as figuras fugidias ou o credo de suas dobradiças. Uma constelação de enigmas revoa quase rente ao telhado. Não se sabe quem chegou primeiro. A surpresa não revela seus planos. O piano mudo inconfessável. As espigas com seus dentes caídos. Os intrusos entram e saem, antes que a porta refaça suas orações.

MILAGRES

Os milagres são martelados por todo o cenário. Alguns são engolidos por pequenas caixas negras de madeira que protegem o mundo de tantos mistérios. Dos lábios de invisíveis sinos jorram uma melodia agônica. Os milagres contemplam a realidade cada vez que esta entra em cena com sua máscara de peles humanas. As cortinas se recolhem amedrontadas. Sempre que serrada a realidade perde a parte do meio de seu corpo sinuoso. Os milagres engolem espadas e pequenas adagas brotam de sua carne como diabos alados que distraem a atenção do público para que ninguém identifique a origem dos truques. A noite atua como uma deusa decepada e introduz no último ato a morte pendida do teto. Disparos, gritos, falsas alegorias. Digressões palitando os dentes da realidade. Os sinos repetindo um mantra desfalecido. Os milagres nunca estão em seu lugar, quando deles precisamos. Os milagres estão por toda parte. Não são algo de que a realidade possa se livrar.

PECADOS

Os pecados têm por hábito confundir a época em que vivem com os cenários emoldurados nas paredes do dormitório. Bosques incendiados pela escuridão, o descuidado pleonasma dos vícios solitários, as pálpebras indescritíveis de contraditórios risos. Uma tempestade de escamas muda a face errante do tempo. Os pecados se reúnem em severa busca de recompor os ardis dissipados. As casas se curvam em oratório, as casas conjugadas – as mesmas –, sim, com uma exuberância de sete orgasmos, elas, as casas furtando as imagens da inocência. Os pecados elegem o apóstolo de suas vertigens indecifráveis. Nevoeiros facultam o emprego de envelhecidas obstinações. Pedregulhos desesperados da realidade. A torre onde caducam os ideais. Os pecados mordem a própria cauda.

RUÍNAS

As ruínas renascem em camas sujas com seus ossos em permanente desequilíbrio. Algumas estátuas relutam em sair de lugar, porém acabam por aceitar viver outro personagem longe dali. As paredes se contraem imitando a memória de seus antepassados. A grande mesa ao centro reabastece as vasilhas do banquete denunciado. As ruínas picotam os moldes do vestuário de toda uma época. Cozinham as sobras de histórias contadas ao cair da tarde. Os lampiões apagam as chagas sobre rachaduras e outros manuscritos da implosão. Os sons agônicos cavalgam o espinhaço das obras desfeitas. Cada pedra se comprime até a debandada de seus núcleos. As vísceras repovoam o horizonte aturdido. As ruínas copiam truques gastos. Nada de novo trazem a um mundo em perene desistência de dotes.

SOMBRAS

As duas sombras foram arrastadas ao centro do palco, com suas vestes rasgadas e sangue nas correntes. Súbito era dinamitado um ninho de assombros. Enganado pelo cartaz que anunciava dramática tortura de dois criminosos, o público reagia desconfortável àquela metáfora impiedosa. As duas sombras em silêncio erguiam os braços buscando alguma clemência. Por vezes a morte mal disfarça a simplicidade de uma xícara jogada pela janela. A morte com seus leques de seda desacata os planos de fuga. Uma jornada incomparável leva a mão a cobrir o olhar. As duas sombras percebem que tudo não passou de um truque e que o cenário esteve sempre vazio e o teatro fora há muito abandonado.

TREVAS

As trevas replantam o horizonte com seu rebanho de árvores negras. As sementes do fogo ascendem até a íntima vastidão da luz. A cada cor corresponde uma mística não anunciada. As trevas se impregnam nos cabelos ondulados do vento. As tempestades copiam a letra tenebrosa da razão. Os truques desaparecem sem que decifremos seus trajes. As trevas adaptam a fantasia mundana do caos. As similaridades do abismo se coçam como símios antevendo o próprio degredo. Eu muitas vezes tornei incompreensível a tua escura noite. O nervo exposto da melancolia. A adaga submersa na planície de teus receios. Os lagartos pintados quem foi que os pintou. As trevas guardam um prato de ilusões para quando a fome der o primeiro suspiro.

VÍTIMAS

As vítimas anotam em seu diário, quantas vezes foram esfaqueadas. Relatos sujos de amores infiltrados. Quartos arrastados de uma escada a outra. A tinta impregnada de sêmen e asco. Cinco bonecas se encontram para cerzir os trapos da noite passada. As vítimas duram o tempo de uma conspiração. Em seguida imitam um relâmpago e não servem para mais nada. Como hóstias guardadas para o arrependimento. As vítimas pagam um café barato para que as febres refaçam seu destino. As mais frias delatam seus remorsos. Outras ensinam as cicatrizes a mudar de calçada. Relatos embaralhados se confundem embaixo das camas improvisadas. As vítimas com que nos ocupamos de viver.

GLADYS MENDÍA



AS MUTAÇÕES POSSÍVEIS NOS ECOS DA VOZ¹



¹ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

A FUGA É UMA DIMENSÃO DO TEMPO²



² Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

CADA GOTA TEM SUA PRÓPRIA MEDIDA DE TEMPO E SUA VELOCIDADE DEPENDE DO OLHO QUE A OBSERVA³



³ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

Qual é
A VELOCIDADE DA SOMBRA?⁴



⁴ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

O LABIRINTO DA COMPANHIA

vamos relatar a colocação em relação a colocação
do ouvido nas vozes e a voz nos ouvidos
atravessar as pontes entre abismos tornar
evidente a raiz múltipla estamos falando aqui de
velocidades variáveis frequências inverossímeis
dimensões inéditas a voz dispara sementes
crescem canais simultâneos memória sem história
memória de ouvidos que se olham coreografia
imprevisível conexões do acaso paisagens
personagens do mundo mangue nós os poetantes
fora da ordem escrevendo em teus ouvidos
musicando em teus ouvidos performando em
teus ouvidos cada ouvido em um arquipélago
projetado cada ouvido no labirinto da
companhia mangues eretos nômades poetantes
fora da ordem sem raiz única vemos línguas
como mangues sintaxe de garça-moura solo
enlameado emaranhados de raízes galhos fora
e dentro do mar fora e dentro de nós pausas da
paisagem retorcida síncope do silêncio
heteroglossia como paraíso gramática do lodo

poetantes zumbem no ouvido traduções de
alentos pelicano de sã incerteza coser canções
tecer sons raízes de diferentes cores dançando
gêneros inauditos errantes pelo labirinto da
companhia bacia rio mar enseada errantes em
nome da beleza errantes na língua imposta por
eles assistir ao mosaico de novos signos e tecer
mangues versos abrir caminhos labirintos cantar
tecer imaginar errantes no mundo mangue
cantar o cantar dos mangues editar lágrimas de
crocodilo abraço de serpente errância de
escorpiões publicar em voo de falcão batendo a
gravidade difundir olho de águia o mundo
mangue tornar evidente a agitação das águas
salgadas falar línguas como arquipélago
tradução como arquipélago imaginário como
arquipélago barcos versos proliferados barcos
versos transitam entrelaço vozes ostras vozes
caranguejos vozes anêmonas não se conhecem
escrevem nas mesmas águas não se conhecem
amarro vozes caramujos vozes mexilhões vozes
lapas não se conhecem águas salgadas os
abrigam sonham as mesmas raizinhos maré alta
maré baixa no labirinto da companhia se abraçam

e não se conhecem ventos quentes trazem tons
desconhecidos múltiplas raízes se erguem
buscam acessos inusitados viajam pelo ar se
arqueiam criando redes ouvidos do roçar
falamos aqui de poetantes imaginando as novas
epopeias uvas do mar da nova babel vamos
relatar a colocação em relação de como se adaptam
para não murchar de como escudam a barbárie
sistemática sentem medo mas se estendem
somam aberturas criam ninhos originam o
alimento sustentam as vozes suas próprias vozes
os poetantes chovem a cântaros a chuva são
relatos precipitados multiplicação de gotas
errância da água propagam a memória sem
história espaços imaginados sem história relatos
imaginários do vagar raízes submarinas sem
hierarquia tal é a geografia dos poetantes
guardiões das línguas dolentes das línguas
habitantes de todas as línguas estuários de
mangues as novas bibliotecas sabedoria da
soltura zumba a interseção revoloteiam colisões
surge afinidade e apetite assim as influências
mútuas línguas inusitadas emergem relatos
temporais efeitos imprevistos variações

transitórias flutuações sem razão clara falamos
aqui de continentes arquipélagos garça-moura a
nova bandeira camarões e caranguejos os novos
heróis recifes de coral os novos poemas línguas
incendiárias paisagens personagens do mundo
mangue sem medidas nem fórmulas sem ataques
nem argumentos o cantar dos mangues projeta
poéticas barrocas pântanos costas ilhéus
pendentes entrelaçados galhos assim seus versos
murmúrio da maré badalar de espumas
assobiar do vento montão de vozes repetições
gritos ignorados sussurros vagabundos tal é a
nova epopeia no labirinto da companhia

HABITAR ESPAÇOS BABILÔNICOS

nós ouvimos nós tecemos o canto londres
jacmel santa cruz malmö poliglotismo de
continentes arquipélago fervilho de famílias
linguísticas diversas línguas incendiárias
coexistem abertura do cyber mangue

valparaíso bonendalé moscou barcelona línguas
nos devoram digerem assimilam habitamos em
suas visões estão debaixo em cima ao lado
criamos de e para aranhas internautas os novos
poetantes

o subjetivo é comunitário corpo como língua
movimento de corpos línguas sem medo
translinguagens tropeços não entender outro
corpo língua mas abraçá-lo penetrá-lo parasitá-lo
habitar espaços babilônicos

NÃO TEMOS MEDO DE NOS DEIXAR DEVORAR

a língua escrita a fala seus múltiplos dentes suas
inúmeras gargantas e estômagos famintos
enquanto falamos nos devoramos os devoramos
se devoram nos devoram a língua de duplo gume
não temos medo nem esperança eis a clara saída
soltura de músculos peito aberto e descanso:
poesia: deixar-se devorar

MÁRCIO SIMÕES



O ACENO DAS POSSESSÕES

uma coluna cinza clara de perfume festeja seu
 silêncio
 no horizonte
no momento em que lástimas soltas alimentam
 um pranto
 de papel e sou um urro
 em desalinho
as percepções ativas ferem o olho nu
crises escutam sentadas os
desatinos do
porto
 cães atravessados por automóveis
 bailam
 entre um extremo e outro jovens espancam
um oceano de lamentos
 uma febre de néon suspira uma agonia de
 luz
 uma cólera de possibilidades enforca os
 fetos
 do destino
vermicidas oxigenam
 pulmões
mentes florescem como chagas
no intestino grosso das
metrópoles

QUANDO ANJOS ALEIJADOS

Quando anjos aleijados decapitarem a boca aberta
das trombetas,
Quando clarins incendiarem a nudez numa
vegetação,
Quando a campânula estrebuchar num arco de
chuva,
As caravelas se abrirão num largo
E as amantes se enforcarão em claras flores de
lótus.

Estampidos e paradas se baterão pela planície.
O orvalho virá fecundando a tormenta ou a terra.
A ruína do mar e o arrebentar-se das pedras
Louvarão essas vacilações do espírito
Minhas anarquias, meus demônios.

AGONISTES III

estou farto de vivenciar a desagregação do
mundo
nem uma sombra da intercomunicabilidade das
coisas
uma mulher de seios fascinantes
repousa ao meu lado
e no entanto não posso tocá-la
estou identificado ao réprobo, ao carregador
das chagas
ao que sofreu os anátemas
nada tenho com os capatazes do tempo
entretanto seus agentes invisíveis
não me deixam ter um instante de paz
apenas tu, Musa, não me abandonaste nem na
loucura
escuto no pássaro o suspiro solitário de
quinhentas nuvens
amanheço estrangeiro e mais distante
nenhuma parte de mim deseja pedir perdão,
levantar uma súplica
crer na ressurreição dos mortos e na vida
eterna

[NADA DISTO RETORNARÁ A TI...]

nada disto retornará a ti

com vestes de água cristalina
e mãos imaculadas de corais

com os braços de um vale
sustentando a fertilidade de um rio

com uma cascata de estrelas
a cada bater das pálpebras

como carregas galáxias em teus calcanhares
mãe dos intocados
 senhora dos inascidos

quando arregalas os olhos
em cada estrela

e nadas resoluta
nos oceanos do abismo

quando engendras
o deambular de nossos dias

e de tudo quanto se perde neles

A DÚBIA PRESENÇA DA MUSA

dona das delongas
a musa muda suas faces

pega emprestado o sorriso da manhã

contorna os olhos com rastros de noites estreladas
e trança ramos de entardecer nos cachos de meio-
dia –

depois reluz de passagem nos cabelos da neblina
demora um segundo numa porta que se abre ao
mar

pára um instante
num corpo de mulher

e se esvai novamente

como se revelasse
em toda epiderme da paisagem

o instante em seu interior de sóis
incendiando os dias

[AURORAS DE BRAÇOS ESPARRAMADOS...]

auroras de braços esparramados
sobre os pescoços dos montes

nuvens de brancos
nos olhos do azul

árvores em disparada
atravessando
as vestes dos vendavais

rios de duas cabeças
servindo a ceia
terrena das raízes

quem duvidaria
que a escuridão
na sombra

sabe onde
a luz splende?

XIII. DURANTE UMA SESSÃO DE MÚSICA ETÍOPE

para Sopa, sufi-sadhu d'Osso

i.

a mente desmantela
a redoma de ar
o trombone bale
o sopro divino
atravessando o deserto
os caravanas pisam
 os tambores graves
ao entardecer

ii.

vermelhos audíveis
 rodopiam
num redemoinho

iii.

sax dos infernos
 nascendo das tripas
de petróleo expelidas
 no céu deserto motorizado –

flor violácea
 espargindo a derradeira
 malemolência das raças
 pelas manhãs
ainda amando
 o âmago renitente

INTROITO: OS PULMÕES DO POMAR

nossa jornada começa
com as palavras “com que júbilo
segues para o abismo” e prossegue
com o espírito que dorme
na pedra
potências celestes que testemunham
as travessuras das árvores
com gatos guardiões sonolentos
sobre seus galhos
ao meio do dia
cerrando seus cenhos
sóis assoberbados conduzem
seus balés nos salões
do céu
sobre a terra onde
querubins traficam feitiços
ocultos em nossas sombras
e deve terminar
num crepúsculo sem
olhos – assaltando
o sonho – e espalhando
o corpo despedaçado da
imaginação repartida

FÁBULA

a tempestade desperta
o trovão
na pradaria em meu peito

rios descompensados
despencam
em direção ao céu

suas cachoeiras
de saias erguidas
tropeçam desamparadas

mas caem confortáveis
no colo das nuvens

o trovão abre os braços

estrala todos os ossos
e com sua voz trêmula
atiça o enxame da chuva

as árvores
vibrando a palma
das folhas
aplaudem o despertar

do dilúvio

que desde então
não cogitou sequer
uma trégua

POEMA DO INVERNO DA QUARENTENA

Je suis le ténébreux – le veuf –, l'inconsolé.

Gérard de Nerval

eu que me sinto
irremediavelmente
apartado do mundo
dos meus irmãos

eu que tomei liberdades
 imperdoáveis
vesti sempre o negro
e tive a noite
por mestre e mentora

me ouvi cavalgado
 pelo vento
e renasci numa parede
 de seu ventre

aprendi que é preciso
 ser bravo
antes que se abisme a sombra
no abismo que nos assombra

soube que o que não se habita

padecerá o abandono

e que ofertar não se pode
o que se deve antes
receber

e assim eu soube
dos bulbos da primavera
e entre as vísceras quentes

antes de desaparecer
sem escolhas num
mundo sem tempo e
num sono sem sonhos



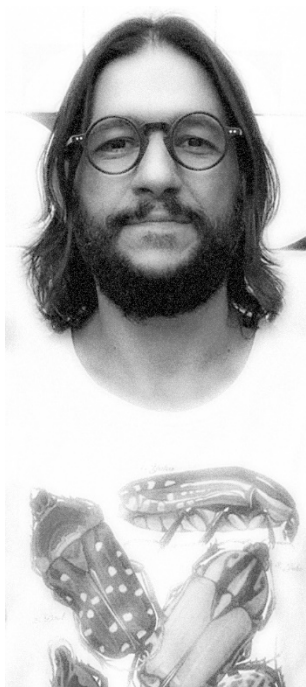
ABRIR EL SELLO

Somos, como dice Elys Regina Zils en uno de sus poemas, *inmortales en la noche*, esa noche que elegimos como mesa sagrada donde deshuesar nuestra propia existencia. Y lo hacemos de forma ritual, recreando la naturaleza misma de la creación con cada página de su libro profano. Somos el capítulo inacabado de las transmutaciones y la voz de mil personajes que desafían la ilusión del libre albedrío. La presencia anárquica de estos demonios que destrazan el tiempo y nos dejan sin hogar a la luz del día. Somos lo que creamos, estos poemas que realzan la existencia misma, como si fuéramos sus dobles premeditados.

La poesía siempre contará innumerables veces cuando se pierde en el sostén de nuestro aliento, cuando busca en refranes y estrofas visionarios que comparten cielo y tierra, los enigmas que sonrojan ante los símbolos y sus más simples identidades. Un hombre crea una situación misteriosa cuando intenta volver al camino que imagina que fueron sus orígenes. A menudo allí es dado como desaparecido. La expresión poética es una paradoja legendaria. Lo que vislumbramos nunca toma la forma que imaginamos. El poema es un pájaro que no conoce la raíz de su vuelo hasta que una boca le dice que tiene mil velos estelares a su disposición. Al igual que el hombre mismo, en cada poema siempre falta algo. Este es el tejido de la creación, sugiriendo los hilos que pueden mover el sol y sus imágenes sucesivamente tejidas.

Cada uno de los presentes en este encuentro – Demetrios, Elys, Floriano, Gladys, Márcio– somos voces enfáticas de la creación más antigua. Barajamos el orden secreto de las palabras para que la forma esté más allá de la forma, que el caos esté más allá del caos, que todos los errores y aciertos no sean más que la danza de las sombras que nos vigilan y el tesoro deseable de todos los desafíos. Así esperamos que se lean los poemas que escuchamos cantar dentro de nosotros. Los poemas que llegaron a este libro.

DEMETRIOS GALVÃO



RINCÓN

ergo un museo de silencios
entre escarabajos ciegos y espolones perdidos
en una plaza que queda en el corazón de la
memoria.

aprendí que la verdad es un signo inflamable,
que los bares venden ausencias
y que las personas están llenas de vacíos.

mi rincón es un balcón en el hipotálamo
taller donde rumio un orfanato de cartas
y garabateo pequeños infinitos.

siempre cargo un peso extra
un insólito equilibrio, una poética salvaje
para defenderme del grito sanguíneo del tiempo
suicida

– escondo mis reliquias en el reverso de la
lámpara
donde las palabras tienen fiebre y la materia se
bifurca.

CINE-MIRADOR
al sonido de la guardia

por un tiempo, habité una dirección enrarecida
un lugar difícil para enviar cartas:

y desde allí, vi la lluvia campestre
el concierto del corazón de los hombres
los niños libres y sensibles
la esperanza viajando en tren
historias de cocina y de amor
el hechizo de una madre valiente
las transparencias de un viaje interior
la octava nota de la música que decía:

– toda paisaje azul es felicidad...

pasaporte para una pequeña semana de verano
en la plataforma alegre de talleres incorporales
encuentro de hermanos en las raíces de un
recuerdo
milagro de ser y tener en el cuerpo un abrazo
pleno
y un ojo filmando todo.

de belleza viven los seres que celebran la vida sin grandes estruendos. existen sin la exigencia y la espera del mañana. se esparcen por las llanuras de la mansedumbre cómoda. no se preocupan por la independencia de las naciones ni por la predicción del tiempo. practican una espiritualidad que renunció a los libros, a las enseñanzas y a los dioses. su revolución es un dibujo de la mirada, desprecian el cronómetro y la hiperinteractividad. el silencio les basta para el gozo tranquilo del sueño, mientras el mundo se desespera al borde del precipicio.

MÚSICA PARA LOS INDECISOS

la música corta los ojos y atraviesa la carne
carga las horas de los indecisos
por libros viejos, ciudades-laberinto y noches-cine
correspondencia de sueños intranquilos.

en los cajones de la memoria una infancia barbada
y poemas-galletas en el desayuno
con esa oxidación que carcome los dientes.

dosis de píldoras en technicolor
y en caso de incendio en las partes íntimas
dejar que el fuego consuma el resto del cuerpo.

CONSTELACIÓN DE LAS AGUAS TURBIAS

en la lascivia del territorio-carne
nos absorbemos en el deseo embriagado

– tráfico en las calles-avenidas dentro
de la flecha de eros –

nos perdemos en el cine, en la angustia de los otros
despertamos mareados, aturdidos
o no dormimos

pensamos en quien descansa dentro del viento
mirando el sol disipar las aguas
turbias de la madrugada

del otro lado de la ciudad antigua
nuestros delirios se acomodan
entre el ronroneo de los gatos y canto de los gallos

a veces nos encontramos en tiempos
furtivos en el balcón fugaz de nuestros pechos

– meteoros volubles se cruzan
en el parque de diversiones de nuestras bocas.

POSTALES DEL FIN DEL MUNDO

el ojo falso titubea en diagonal:
 en el olor del miedo, el olfato sin medida
 en el horizonte, una procesión de
 pájaros fosforescentes
 hay sol en cada rincón del día y los orishas
 hacen poemas-niños
 modigliani montado en un ganso
 alimenta a los peces con la extraña belleza
 de sus mujeres.

una tormenta de insomnios sopla en los ojos:

los faros encienden una cadena de mandíbulas
los vestidos caen del cielo en el
 museo-retina-de-porcelana
una hija de lilith rueda al borde del lago de las
condenaciones
grandes dosis de píldoras de café se dan
 a las estatuas de la ciudad y
baudelaire translúcido vaga en la calle del manicomio.

— los corazones saltan en paracaídas
y los turistas hacen fiestas
en las postales del fin del mundo

ESCORPIO EN LA CASA DE CAPRICORNIO

llueve un sonido verde en la paz de los musgos y los crímenes se liberan en las habitaciones de moteles: nos encontramos con la furia de dos cometas que chocan, movimientos salvajes, contradicciones en la garganta metálica y sexo en la contorsión humeante de los cuerpos irresponsables – (los ojos son ojivas de cilicio sobresaltando las espaldas) – nuestros fluidos se deslizan hacia el manglar del alma: un río caudaloso desmantela la neurosis de las manecillas en extrañas experiencias, como si toda la historia fuera solo un ahora – (lo que queda son los garabatos superpuestos y los escombros mojados) – violamos lo más íntimo que tocan nuestros pies, saltamos los puentes, las líneas del tren y el azimut del horizonte – (es inútil pensar que saldremos ilesos por la noche) – nuestros delirios conjugados cabalgan las lunas de Saturno enviando señales nunca pronunciadas – (los brazos que nos rodean son noctámbulos) – las caricias deshacen las armaduras, recogiendo en la despensa la utilidad de las uñas de acero: nuestro amor fosforescente se escribe en la avenida Eros.

HAY QUE ALIMENTAR LA LOCURA QUE LLEVAMOS
EN LA MOCHILA
al sonido de Björk

siento el olor de tus movimientos coloridos violando mis branquias, desorganizando mis órganos. las luces derramadas por tus dedos forman cascadas de revelaciones: conexiones que nos suturan uno en el otro. tanteamos en la oscuridad nuestras llanuras de sudor intenso, mientras devoramos las dimensiones del marco escaleno. nuestras aletas, escamas, espolones, se amalgaman en el paseo de nuestros oídos. hay días en que enloquecer es inevitable y las cuerdas no contendrán el vértigo. hay días en que la potencia desborda los muros de contención y subimos las aceras y gemimos sin parar: alimentamos nuestra locura con el borro de nuestros pasos errantes.

NOCHE TURBIA

una pareja emplumada
enfrentó la tormenta de óxido
con la ternura de un abrazo profundo.
soportaron el asombro del cielo y
los ataques nerviosos.

se golpearon contra las aguas y los vientos
como si el pecho fuera de marfil y
el coraje, una armadura impermeable.

(el baile cambiante de las piernas
en la dirección de los truenos voraces
seguía en compases de pánico)

el imperio turbio del cielo
suplicaba asombros en los rastros
de serpientes luminosas.

la pareja luchó en la pelea feroz de la noche
que no ofrecía extremo
ni margen para refugio.

TODO LLEGA DE UN MUNDO ANTIGUO

al sonido de Frank Zappa

vi una legión de jesuitas
silenciar bosques espontáneos
con su pedagogía asesina.

vi caravanas de mestizos nuevos y viejos
apresar peces, lagartos y aves mensajeras
para legislar un código de honor oscuro.

vi un viejo mar tragarse desafíos
y guardarlos en sobres de caliza
en el fondo de su paciencia líquida.

vi al hombre y la máquina
fundirse en una utopía salvaje
en la cabalgata de sirenas.

vi la miseria de la casa grande
radiografiada en etiquetas de lujo
en los bazares y vendedores ambulantes de la
ciudad baja.

vi un avión caer
y desde la cima de la montaña
nacer un mito cinematográfico.

vi a una madre y un santo
disciplinar a un joven diluvio
cuando, en fiesta, inundó corazones sin refugio.

vi begonias decir "te amo"
a un quilombo sumergido
en erotismo tropical.

ELYS REGINA ZILS



flor nocturna que solo crece entre universos
bajo la influencia de mis lunas

en los paisajes de sensaciones
tarareo tonterías mudas
¿escuchas las palabras pronunciadas en el silencio?

en una noche de sábado
orbitan deseos tan cercanos.
mi luna toma el riesgo

en la cálida luz
permite que el anhelo invada los poros
mandíbulas apretadas

una invocación sería muy audaz
se escapa un gemido
mis ojos mi sol nocturno

sentidos ebrios
percepciones alteradas
de colores
tiempo
movimiento
definitivamente sufro de poesía
tus palabras componen mi elixir
mantengo la ventana abierta
para que el viento me traiga
tus versos

vi en el rabillo de tu ojo
un pájaro enjaulado
si no entiendes el poder de la noche
no tiene sentido encender una vela para la diosa
solo el batir de alas
puede mostrarte lo que hay ahí fuera

inmortales en la noche
las criaturas flotan
a través de las sombras
de sentimientos
al ritmo de este baile
nos develamos
amores crepusculares

inmortales en la noche
las criaturas flotan
 a través de las sombras
 de los sentimientos
al ritmo de este baile
 desvelamos
 amores crepusculares

verdes
nostálgicos
del atardecer que nunca vimos
escribiendo al borde de los días
oraciones posibles
de lo que seríamos
el tiempo siempre es otro
la copa sigue llena
la botella cerrada
el sublime abismo
sobre la mesa
servido con ostras y camarones
efímeros

sin importarle las preguntas sin respuesta
con los caminos sin fin

torcidos

destino que no lleva a ninguna parte
nadamos en las letras

líquidas

cómo el pájaro que vuela por primera vez

en esta pasión implacable
la gran diosa consiente
conductores de lo sagrado
cariño en el alma
la luna está enamorada
del intercambio de letras
no espero nada
y todavía la puerta está abierta
barcos cargados de sueños
susurran olor a locura
intercambiando brazos y piernas como si fueran
faros
hormigas en las manos
en la belleza del ojo de pez
hay un candado para el mundo

desnuda
pagana
delirios en la oscuridad
la niebla seductora avanza
aquí dentro
algo me devora
suspiros intempestivos
tus manos chirrían
sueños de luna
boca llena de tactos
maquinaciones de mis pechos
como un imán
Yin y yang
gotas de un arcoíris nocturno

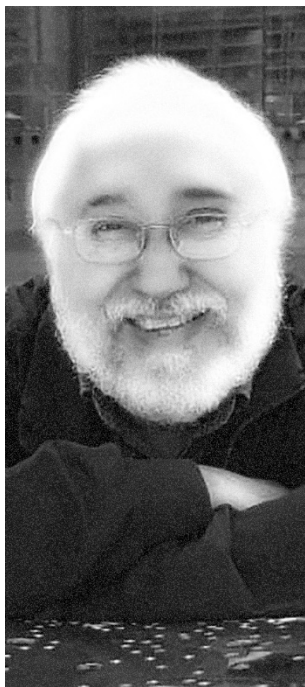
CUANDO LAS PALABRAS NO BASTAN

entre los restos del naufragio
floto

la pérdida está en la victoria
ellos dijeron

los sueños ya no son los mismos
algas y corales los cubren
la ola viene a cubrir mi cuerpo desnudo
me duermo

FLORIANO MARTINS



CARTAS

Las cartas cortan luces y con ellas tejen un nuevo reino de ilusiones. Las cartas cambian de color y nos hacen creer en innumerables dioses. Las cartas son un oráculo innegable. No hay manera de mezclar sus dictados sin perderse en el juego de tantas maneras repetidas. El pueblo está lleno de muerte. Las cartas revolvieron el estómago y la fiebre de los supervivientes. Los muertos tosen y escupen sus creencias. Un altar de paja esconde a los espíritus hasta que la noche cubre sus heridas. Las cartas salen a la caza de nuevos ritos que caen del cielo. El mal emana de todas las figuras asustadas. No importa suplicar por la resurrección. Las cartas están furiosas y vierten fuego sobre sus propios cuerpos. Todos los valores se pierden. Un último dios huye de allí. Las letras vuelven a convertirse en árboles.

DUDAS

Las dudas habitan en las laderas deslizantes de la realidad. Las miserables cunas del abismo. Los pájaros con sus vuelos helados. El horizonte preparando el cautiverio del fuego. Vi las rocas dirigiéndose hacia el mar del desierto. La silueta de los planos rehechos todo el tiempo. Mi nombre descuartizado viajando por las ciudades devoradas por la niebla. Las dudas duermen con un ojo abierto, rodeadas de imágenes a punto de colapsar. Las repugnantes venas del desorden oscilan entre etapas. Los coros sarcásticos convencen a cada actuación de no confiar en sí misma en absoluto. Los espejos vuelven su rostro hacia las contradicciones más grotescas. Los tejados se esconden entre los árboles en busca de protección. Las dudas persisten, callan y se hacen añicos en el suelo. Sustos reprogramados en los estantes bíblicos del caos. Alborotos inesperados para quienes creen que el verdadero fracaso tarda en llegar. Un libro al que le faltan páginas. Una voz apagada. Un milagro apoyado en la chimenea consultando las estrellas antes de repensar sus dudas.

HECHIZOS

Los hechizos se ramifican a lo largo del lomo de los camuflajes. Como revelaciones fálicas de hábitos abandonados. Las chozas puntiagudas donde se esconden los dolores de las acciones satisfechas. Los hechizos derriten las llaves de mundos paralelos y una escalera en múltiples direcciones descansa en la puerta secreta. Extraño pacto con los escenarios que están a punto de caer. Los hechizos idean trucos orgiásticos y disocian las cenizas que considerábamos abominables. Simbiosis de elementos con diferentes poderes. Farsas agónicas, figuras escamosas, sodomías apenas esbozadas y otras flores anónimas de lubricidad. Los hechizos ritualizan todo lo que atraen, con su cultivo de metamorfosis y las vigilias prolongadas en silencio donde nos hacen ponernos los zapatos de la deriva.

INTRUSOS

Los intrusos llaman a la puerta y no nos damos cuenta cuando se van. El mundo interior parece improbable desde donde se lo mire. No sabemos cuántas piedras se quitan del camino. Los muebles se mueven como buscando la trampilla donde se esconden las luces. Los intrusos tatúan cuerpos confusos sobre la piel de lo inesperado. Doblan los tendederos en cajones colgantes. Las ventanas no reconocen las figuras fugaces ni el credo en sus bisagras. Una constelación de enigmas vuela casi cerca del techo. No se sabe quién llegó primero. La sorpresa no revela sus planes. El innegable piano silencioso. Las orejas con los dientes caídos. Los intrusos van y vienen, antes de que la puerta repita sus oraciones.

MILAGROS

Los milagros se suceden a lo largo de toda la escena. Algunos son tragados por pequeñas cajas de madera negras que protegen al mundo de tantos misterios. De los labios de campanas invisibles brota una melodía agonizante. Los milagros contemplan la realidad cada vez que entra en escena con su máscara de piel humana. Las cortinas se abren con miedo. Cada vez que se aserra la realidad, pierde la parte media de su cuerpo sinuoso. Los milagros se tragan espadas y de su carne brotan pequeños puñales como demonios alados que distraen la atención del público para que nadie pueda identificar el origen de las artimañas. La noche actúa como una diosa cercenada e introduce la muerte colgada del techo en el último acto. Disparos, gritos, falsas alegorías. Digresiones hurgando en los dientes de la realidad. Las campanas repitiendo un débil mantra. Los milagros nunca están en su lugar cuando los necesitamos. Los milagros están en todas partes. No son algo de lo que la realidad pueda deshacerse.

PECADOS

Los pecados tienen la costumbre de confundir el tiempo que viven con las escenas enmarcadas en las paredes del dormitorio. Bosques incendiados por la oscuridad, el pleonasma descuidado de los vicios solitarios, los párpados indescriptibles de la risa contradictoria. Una tormenta de escamas cambia el rostro errante del tiempo. Los pecados se juntan en una severa búsqueda de recomponer las artimañas disipadas. Las casas se inclinan en un oratorio, las casas combinadas –iguales–, sí, con una exuberancia de siete orgasmos, ellas, las casas robando las imágenes de la inocencia. Los pecados eligen al apóstol desde su indescifrable vértigo. Las nieblas proporcionan el uso de la obstinación envejecida. Rocas desesperadas de la realidad. La torre donde expiran los ideales. Los pecados se muerden la cola.

RUINAS

Las ruinas renacen en lechos sucios con sus huesos en permanente desequilibrio. Algunas estatuas se resisten a abandonar su lugar, pero acaban aceptando a otro personaje que vive lejos. Los muros se contraen imitando la memoria de sus antepasados. La gran mesa en el centro rellena los vasos para la fiesta informada. Las ruinas revelan los patrones de vestimenta de toda una época. Cocinan los restos de las historias contadas al anochecer. Las lámparas apagan las heridas de las grietas y otros manuscritos de la implosión. Los sonidos agonizantes recorren la columna vertebral de las obras deshechas. Cada piedra se comprime hasta que sus núcleos colapsan. Vísceras repueblan el horizonte aturdido. Las ruinas copian trucos gastados. No aportan nada nuevo a un mundo en constante falta de dotes.

SOMBRAS

Las dos sombras fueron arrastradas al centro del escenario, con sus túnicas rasgadas y sangre en sus cadenas. De repente, un nido de horrores explotó. Engañado por el cartel que anunciaba la dramática tortura de dos criminales, el público reaccionó incómodo ante esa metáfora despiadada. Las dos sombras silenciosamente levantaron sus brazos buscando misericordia. A veces la muerte apenas disfraza la sencillez de una taza tirada por la ventana. La muerte con sus abanicos de seda desafía los planes de fuga. Un viaje incomparable lleva la mano a tapar la mirada. Las dos sombras se dan cuenta de que todo fue un truco y que el escenario siempre estuvo vacío y el teatro llevaba mucho tiempo abandonado.

OSCURIDAD

La oscuridad replanta el horizonte con su bandada de árboles negros. Las semillas del fuego ascienden a la íntima inmensidad de la luz. Cada color corresponde a una mística no anunciada. La oscuridad impregna el cabello ondulado del viento. Las tormentas copian la oscura letra de la razón. Los trucos desaparecen sin que descifremos sus disfraces. La oscuridad adapta la fantasía mundana del caos. Las similitudes del abismo pican como simios anticipando su propio exilio. Muchas veces he hecho incomprensible su noche oscura. El nervio expuesto de la melancolía. El puñal sumergido en la llanura de sus miedos. Los lagartos pintados, quien los pintó. La oscuridad guarda un plato de ilusiones para cuando el hambre dé su primer aliento.

VÍCTIMAS

Las víctimas anotan en su diario cuántas veces fueron apuñaladas. Historias sucias de amor infiltrado. Habitaciones arrastradas de una escalera a otra. La pintura impregnada de semen y asco. Cinco muñecas se reúnen para remendar los harapos de anoche. Las víctimas duran mientras se lleva a cabo la conspiración. Luego imitan el rayo y son inútiles. Como hostias guardadas para el arrepentimiento. Las víctimas pagan por café barato para que las fiebres puedan rehacer su destino. Los más fríos delatan su remordimiento. Otros enseñan a las cicatrices a cambiar de acera. Bajo las camas improvisadas se confunden informes contradictorios. Las víctimas con las que vivimos.

GLADYS MENDÍA



LAS MUTACIONES POSIBLES EN LOS ECOS DE LA VOZ⁵



⁵ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

LA HUIDA ES UNA DIMENSIÓN DEL TIEMPO⁶



⁶ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

CADA GOTA TIENE SU PROPIA MEDIDA DEL TIEMPO Y SU VELOCIDAD DEPENDE DEL OJO QUE LA OBSERVA⁷



⁷ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigra* (2023)

¿cuál es
LA VELOCIDAD DE LA SOMBRA?⁸



⁸ Imagem cocriada com IA incluída no livro *Fosforescência Tigrá* (2023)

EL LABERINTO DE LA COMPAÑÍA

vamos a relatar la puesta en relación a poner el
oído en las voces y la voz en los oídos transitar
los puentes entre abismos hacer evidente la raíz
múltiple hablamos aquí de velocidades variables
frecuencias inverosímiles dimensiones inéditas la
voz dispara semillas crecen canales simultáneos
memoria sin historia memoria de oídos que se
miran coreografía imprevisible conexiones del
azar paisajes personajes del mangle mundo
nosotros los poetantes afuera del orden
escribiendo en tus oídos musicando en tus oídos
performando en tus oídos cada oído en un
archipiélago proyectado cada oído en el laberinto
de la compañía manglares erguidos nómadas
poetantes afuera del orden sin única raíz vemos
lenguas como manglares sintaxis de garza mora
suelo cenagoso marañas de raíces ramas afuera
y adentro del mar afuera y adentro de nosotros
cesuras del paisaje retorcido síncope del silencio
heteroglosia como paraíso gramática del fango
poetantes zumban al oído traducciones de alientos
pelicano de sana incertidumbre coser canciones
tejer sonidos raíces de distintos colores bailando
inauditos géneros cimarronear por el laberinto de
la compañía cuenca río mar enseñada
cimarronear en nombre de la belleza cimarronear

la lengua impuesta por ellos asistir al mosaico de
nuevos signos y tejer tejernos manglares versos
abrir caminos dédalos cantar tejer imaginar
cimarronear el mangle mundo cantar el cantar de
los manglares editar lágrimas de cocodrilo
abrazo de serpiente errancia de escorpiones
publicar en vuelo de halcón aleteando la gravedad
difundir ojo de águila el mangle mundo hacer
evidente la agitación de aguas salobres hablar
lenguas como archipiélago traducción como
archipiélago imaginario como archipiélago barcos
versos proliferados barcos versos transitan
enlazo voces ostras voces cangrejos voces
anémonas no se conocen escriben en las mismas
aguas no se conocen anudo voces caracoles
voces mejillones voces lapas no se conocen
aguas salobres los cobijan sueñan las mismas
raicillas marea alta marea baja en el laberinto
de la compañía se abrazan y no se conocen vientos
cálidos traen desconocidos tonos múltiples
raíces se alzan buscan insólitos accesos viajan a
través del aire se arquean creando redes oídos
del roce hablamos aquí de poetantes imaginando
las nuevas épicas uvas de mar de la nueva babel
vamos a relatar la puesta en relación de cómo
se adaptan para no marchitar de cómo escudan la
barbarie sistemática sienten miedo pero se
extienden suman aperturas crean nidos originan

el alimento sustentan las voces sus propias voces
los poetantes llueven a cántaros la lluvia son
relatos precipitados multiplicación de gotas
errancia del agua propagan la memoria sin
historia espacios imaginados sin historia
relatos imaginarios del divagar raíces submarinas
sin jerarquía tal es la geografía de los poetantes
guardianes de las lenguas dolientes de las lenguas
habitantes de todas las lenguas estuarios de
manglares las nuevas bibliotecas sabiduría de
la soltura zumba la intersección revolotean
colisiones surge afinidad y apetito así las
influencias mutuas lenguajes insólitos emergen
relatos temporales efectos imprevistos
variaciones transitorias fluctuaciones sin razón
clara hablamos aquí de continentes archipiélagos
garza mora la nueva bandera camarones y
cangrejos los nuevos héroes arrecifes de coral los
nuevos poemas lenguaradas incendiarias
paisajes personajes del mangle mundo sin
medidas ni fórmulas sin ataques ni argumentos
el cantar de los manglares proyecta barrocas
poéticas ciénagas costas cayos colgantes
entrelazadas ramas así sus versos murmullo de
marea campaneó de espumas silbar de viento
cúmulo de voces repeticiones gritos ignorados
susurros vagamundos tal es la nueva épica en el
laberinto de la compañía

HABITAR BABÉLICOS ESPACIOS

hemos oído hemos tejido el canto londres
jacmel santa cruz malmö poliglotía de
continentes archipiélago hervidero de familias
lingüísticas disímiles lenguaradas incendiarias
conviven apertura de cyber mangle

valparaíso bonendalé moscú barcelona
lenguas nos devoran digieren asimilan habitamos
en sus visiones están debajo encima al lado
creamos desde y hacia arañas internautas los
nuevos poetantes

lo subjetivo es comunitario cuerpo como lengua
movimiento de cuerpos lenguas sin miedo
translinguados tropiezos no entender otro
cuerpo lengua sino abrazarlo penetrarlo
parasitarlo habitar babélicos espacios

NO TENEMOS MIEDO A DEJARNOS DEVORAR

la lengua escrita el habla sus múltiples colmillos
sus innúmeras gargantas y hambrientos
estómagos mientras hablamos nos devoramos
los devoramos se devoran nos devoran la
lengua doble filo no tenemos miedo ni esperanza
he ahí la clara salida soltura de músculos
pecho abierto y descanso: poesía: dejarse devorar

MÁRCIO SIMÕES



EL SILENCIO DE LAS POSESIONES

una columna gris claro de perfume celebra su
 silencio
 en el horizonte
en el momento en que las lástimas sueltas alimentan
 un llanto
 hecho de papel y soy un rugido
 en desaliño
las percepciones activas dañan el ojo desnudo
crisis escuchan sentadas las
locuras del
puerto
 perros cruzados por autos
 bailan
 entre un extremo y otro jóvenes golpean
un océano de lamentos
 una fiebre de neón suspira una agonía de
 luz
 una cólera de posibilidades cuelga a los
 fetos
 del destino
vermicidas oxigenan
 pulmones
mentes florecen como heridas
en el intestino grueso de las
metrópolis

CUANDO ÁNGELES TULLIDOS

Cuando ángeles tullidos decapitaren la boca abierta de
las trompetas,
Cuando clarines prendan fuego a la desnudez en
una vegetación,
Cuando la campana estremecer en un arco de
lluvia,
Las carabelas se abrirán de par en par
Y las amantes se ahorcarán en claras flores de
loto.

Estampidos y paradas resonarán por toda la llanura.
El rocío vendrá y fertilizará la tormenta o la tierra.
La ruina del mar y el reventarse de las piedras
Alabarán estas vacilaciones del espíritu
Mis anarquías, mis demonios.

AGONISTES III

estoy harto de vivir la disgregación del mundo
ni una sombra de la intercomunicabilidad de las cosas
una mujer con pechos fascinantes
descansa a mi lado
y aun así no puedo tocarla
me identifican con el réprobo, el portador de llagas
al que sufrió los anatemas
no tengo nada que ver con los capataces del tiempo.
sin embargo, sus agentes invisibles
no me dejan tener un momento de paz
sólo tú, Musa, no me abandonaste ni siquiera en la locura
oigo en el pájaro el suspiro solitario de quinientas nubes
amanezco extranjero y más lejano
ninguna parte de mí desea pedir perdón, plantear una súplica
creer en la resurrección de los muertos y la vida eterna

[NADA DE ESTO VOLVERÁ A TI...]

nada de esto volverá a ti

con mantos de agua cristalina
y manos inmaculadas de coral

con los brazos de un valle
que soportan la fertilidad de un río

con una cascada de estrellas
a cada aleteo de los párpados

como llevas galaxias en tus talones
madre de los intactos
señora de los no nacidos

cuando abres los ojos
en cada estrella

y nada decidida
en los océanos del abismo

cuando engendras
el vagar de nuestros días

y todo lo que se pierde en ellos

LA DUDOSA PRESENCIA DE LA MUSA

señora de los retrasos
la musa cambia sus caras

presta la sonrisa de la mañana

delinea los ojos con rastros de noches estrelladas
y trenza ramas del atardecer en racimos de mediodía-

luego destella de paso entre los pelos de la niebla
se queda un segundo en una puerta que se abre al mar

se detiene por un momento
en el cuerpo de una mujer

y se desvanece de nuevo

como si revelara
en toda la epidermis del paisaje

el instante en su interior de soles
encendiendo a los días

[AURORAS CON LOS BRAZOS DESPARRAMADOS...]

auroras con los brazos desparramados
sobre los cuellos de las montañas

nubes de blancos
en los ojos del azul

árboles en disparada
cruzando
las vestiduras de los vendavales

ríos de dos cabezas
sirviendo la cena
terrenal de raíces

¿quién dudaría
que la oscuridad
en la sombra

sabe donde
la luz resplandece?

XIII. DURANTE UNA SESIÓN DE MÚSICA ETÍOPE

para Sopa, Sufi-sadhu d'Osso

I.

la mente desmantela
la cúpula de aire
el trombón bala
el aliento divino
cruzando el desierto
caravanas pisotean
 los tambores graves
al atardecer

II.

rojos audibles
 se arremolinan
en un torbellino

III.

saxo del infierno

surgiendo de las entrañas

de petróleo expulsadas

en el cielo desierto motorizado –

flor violácea

esparciendo la última

malevolencia de las razas

en las mañanas

todavía amando

el meollo renitente

INTROITO: LOS PULMONES DEL HUERTO

nuestro viaje comienza
con las palabras “con qué júbilo
vas al abismo” y continúa
con el espíritu que duerme
 en la piedra
potencias celestiales que testifican
las travesuras de los árboles
con gatos guardianes soñolientos
sobre sus ramas
 en el medio del día
cerrando sus facciones
soles abrumados conducen
sus ballets en los salones
del cielo
sobre la tierra donde
querubines trafican hechizos
ocultos en nuestras sombras
 y debe terminar
en un crepúsculo sin
ojos – asaltando
el sueño – y dispersando
el cuerpo destrozado de la
imaginación compartida

FÁBULA

la tormenta despierta
el trueno
en la pradera de mi pecho

ríos descompensados
desplomán
hacia el cielo

sus cascadas
con faldas levantadas
tropiezan desamparadas

pero caen cómodas
en el regazo de las nubes

el trueno abre sus brazos

estalla todos los huesos
y con su voz temblorosa
aviva el enjambre de lluvia

los árboles
vibrando la palma

de las hojas

aplauden el despertar
del diluvio

que desde entonces
ni siquiera se ha planteado
una tregua

POEMA DE INVIERNO EM CUARENTENA

Je suis le ténébreux – le veuf –, l'inconsolé.

Gérard de Nerval

yo que me siento
irremediablemente
apartado del mundo
de mis hermanos

yo que me tomé libertades
 imperdonables
me vestí siempre de negro
y tuve la noche
por maestra y mentora

me escuché cabalgado
 por el viento
y renací en una pared
 de su vientre

aprendí que es necesario
 ser valiente
antes de que se abisme la sombra
en el abismo que nos asombra

supe que lo que no se puede habitar

padece el abandono

y no se puede ofrecer
lo que primero debes
recibir

y entonces supe
de los bulbos de la primavera
y entre las vísceras calientes

antes de desaparecer
sin opciones en un
mundo sin tiempo y
en un sueño sin sueños

SOBRE OS AUTORES

DEMETRIOS GALVÃO (Teresina/PI, 1979) é poeta, editor e professor. Autor dos livros de poemas *Fractais Semióticos* (2005), *Insólito* (2011), *Bifurcações* (2014), *O Averso da Lâmpada* (2017), *Reabitar* (2019), *do objeto poético Capsular* (2015) e da plaquete *A Inconstância dos Fluxos* (2023). Tem poemas publicados em diversas antologias e revistas literárias. É coeditor da revista *Acrobata* e do projeto *Atlas Lírico da América Hispânica*, assim como, integra a Rede de Aproximações Líricas (ambos projetos fazem a ponte com a literatura hispano-americana).

ELYS REGINA ZILS (Brasil, 1986). Poeta, artista visual, tradutora. Doutoranda e Mestre em Estudos da Tradução pela PGET/Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Língua Espanhola e Português também UFSC. Se dedica à Literatura Latino-americana, pesquisando principalmente Vanguardas Literárias e Artísticas com ênfase em Literatura Surrealista Latino-americana. Editora da *Agulha Revista de Cultura* (2023), revista criada por Floriano Martins. Tradutora, ao lado dele, de sua trilogia dedicada ao surrealismo, que inclui *Um novo continente – Poesia e Surrealismo na América*, *120 Noites de Eros – Mulheres surrealistas*, e *Viagens do Surrealismo*. Tem sido responsável ainda, parcialmente, pelas traduções de poetas hispano-americanos para o “*Atlas Lírico da América Hispânica*”, da revista *Acrobata*. Atualmente tem em preparação a tradução de livros de Eunice Odio, Olga Orozco e Marosa di Giorgio, todas para a Sol Negro Edições.

FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Criou em 1999 a *Agulha Revista de Cultura*. Coordenou (2005-2010) a coleção “*Ponte Velha*” de autores portugueses da Escrituras Editora (São Paulo). Curador do projeto “*Atlas Lírico da América Hispânica*”, da revista *Acrobata*. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008), e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009), foi professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Tradutor de livros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan

Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini e Pablo Antonio Cuadra. Entre seus livros mais recentes se destacam *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (poesia completa, Brasil, 2020), *El milagro de las farsas delirantes* (teatro, com Berta Lucía Estrada, 2022), *Las mujeres desaparecidas* (poesia, Chile, 2022), *Sombras no jardim* (poesia, Brasil, 2023).

GLADYS MENDÍA (Venezuela, 1975) Escritora e editora. Tradutora de português, fazendo parte da equipe de tradução do Atlas Lírico da América Hispânica (Brasil). Foi bolsista da Fundação Neruda (2003 e 2017). Participou do Workshop de Criação Poética com Raúl Zurita (2006). Publicou em diversas revistas literárias, assim como em antologias, a mais recente *Temporary Archives, Poems by women of Latin America*, ed. Juana Adcock y Jèssica Pujol Duran, ARC Publications, 2022, UK. Seus livros mais recentes são *El cantar de los manglares* (2018), *Luces altas luces de peligro* (2022) e *Aire* (2023). É editora fundadora da Revista de Literatura y Artes LP5.cl e LP5 Editora (desde o ano de 2004), de Anasyrma: Video encuentros de Mujeres Iberoamericanas, da Feria de Escritores y Editores Migrantes (FEM) e é Cofundadora da Furia del Libro (Feira de editoras independentes, Chile). Como editora, desenvolveu mais de vinte e cinco coleções, incluindo poesia, narrativa, ensaio e audiovisuais, publicando mais de 500 autores.

MÁRCIO SIMÕES (Brasil, 1979) é idealizador e editor-artesão da Sol Negro Edições. Traduziu livros de William Blake, Calpolicán Ovalles, René Daumal, Paul Éluard e Gregory Corso. Publicou dois livros de poemas, *O pastoreio do Boi* (Flor do Sal, 2008) e *Fúrias de Orfeu* (Sol Negro, 2021).

ÍNDICE

Abrir o lacre...4

DEMETRIOS GALVÃO...6

Recanto...7

Cine-mirante...8

Para uma criatura encantada vol. 6...9

Música para indecisos...10

Constelação das águas turvas...11

Cartões-postais do fim do mundo...12

Escorpião na casa de capricórnio...13

É preciso alimentar a loucura que carregamos na mochila...14

Noite turva...15

Tudo chega de um mundo antiquíssimo

ELYS REGINA ZILS...18

[flor noturna que só cresce entre universos]...19

[orbitam desejos tão cercanos]...20

[sentidos que se inebriam]...21

[vi no canto do teu olho]...22

[imortais na noite]...23

[verdes]...24

[sem se importar com as perguntas sem respostas]...25

[nessa paixão sem trégua]...26

[nua]...27

Quando as palavras não dão conta...28

FLORIANO MARTINS...28

Cartas...29

Dúvidas...30

Feitiços...31

Intrusos...32

Milagres...33

Pecados...34

Ruínas...35
Sombras...36
Trevas...37
Vítimas...38

GLADYS MENDÍA...39

As mutações possíveis nos ecos da voz...40
A fuga é uma dimensão do tempo...41
Cada gota tem sua própria medida de tempo...42
Qual é a velocidade da sombra?...43
O labirinto da companhia...44
Habitar espaços babilônicos...48
Não temos medo de nos deixar devorar...49

MÁRCIO SIMÕES...50

O aceno das possessões...51
Quando anjos aleijados...52
Agonistes III...53
[nada disto retornará a ti...].54
A dúbia presença da musa...55
[auroras de braços esparramados...].56
XIII. Durante uma sessão de música etíope...57
Introito: os pulmões do pomar...59
Fábula...60
Poema do inverno da quarentena...62

∞

*Abrir el sello...*65

DEMETRIOS GALVÃO...67

Rincón...68
Cine-mirador...69
Para una criatura encantada vol. 6...70

Música para los indecisos...71
Constelación de las aguas turbias...72
Postales del fin del mundo...73
Escorpio en la casa de capricornio...74
Hay que alimentar la locura que llevamos en la mochila...75
Noche turbia...76
Todo llega de un mundo antiguo...77

ELYS REGINA ZILS...79

[flor nocturna que solo crece entre universos]...80
[en una noche de sábado]...81
[sentidos ebrios]...82
[vi en el rabillo de tu ojo]...83
[inmortales en la noche]...84
[verdes]...85
[sin importarle las preguntas sin respuesta]...86
[en esta pasión implacable]...87
[desnuda]...88
Cuando las palabras no bastan...89

FLORIANO MARTINS...90

Cartas...91
Dudas...92
Hechizos...93
Intrusos...94
Milagros...95
Pecados...96
Ruinas...97
Sombras...98
Oscuridad...99
Víctimas...100

GLADYS MENDÍA...101

Las mutaciones posibles en los ecos de la voz...102
La huida es una dimensión del tiempo...103

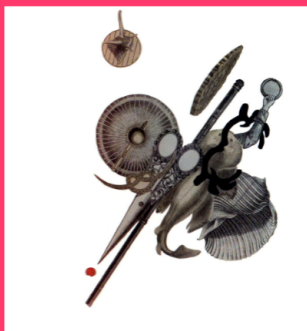
Cada gota tiene su propia medida del tiempo...104
¿Cuál es la velocidad de la sombra?...105
El laberinto de la compañía...106
Habitar babélicos espacios...109
No tenemos miedo a dejarnos devorar...110

MÁRCIO SIMÕES...111

El océano de las posesiones...112
Cuando ángeles tullidos...113
Agonistes III...114
[nada de esto volverá a ti...]...115
La dudosa presencia de la musa...117
[auroras con los brazos desparramados...]...118
XIII. Durante una sesión de música etíope...119
Introito: los pulmones del huerto...121
Fábula...122
Poema de invierno em cuarentena...123

SOBRE OS AUTORES...126

Cada um de nós presente neste encontro –Demetrios, Elys, Floriano, Gladys, Márcio– somos as vozes enfáticas da criação mais antiga. Embaralhamos a ordem secreta das palavras de modo que a forma esteja além da forma, que o caos esteja além do caos, que todos os erros e acertos não seja senão a dança das sombras que nos vigiam e o tesouro desejável de todos os desafios. Assim esperamos que sejam lidos os poemas que ouvimos cantar dentro de nós. Os poemas que vieram dar neste livro.



Cada uno de los presentes en este encuentro –Demetrios, Elys, Floriano, Gladys, Márcio– somos voces enfáticas de la creación más antigua. Barajamos el orden secreto de las palabras para que la forma esté más allá de la forma, que el caos esté más allá del caos, que todos los errores y aciertos no sean más que la danza de las sombras que nos vigilan y el tesoro deseable de todos los desafíos. Así esperamos que se lean los poemas que escuchamos cantar dentro de nosotros. Los poemas que llegaron a este libro.